

A CRÍTICA FEUERBACHIANA DA FILOSOFIA ESPECULATIVA E SUA VERDADE TERRIVELMENTE SÉRIA EM “PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA DO FUTURO”

Marcos Fábio Alexandre Nicolau¹
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO:

Nosso intento aqui é o de expor os limites da filosofia especulativa a partir da análise crítica de Feuerbach nos *Princípios de Filosofia do Futuro*. Nesta obra Feuerbach apresenta-nos os fundamentos da filosofia especulativa, a fim de levar-nos a compreendê-la como uma verdadeira teologia racional. Tal afirmação feuerbachiana funda-se na latente submissão dos filósofos especulativos a temas sugeridos na reflexão teológica, surgidos no período que vai desde a filosofia mosaica aos primórdios do cristianismo, precisamente na filosofia neoplatônica. Analisamos em nosso trabalho o argumento do filósofo alemão para desmascarar a inversão realizada pela filosofia especulativa, precisamente na herança neoplatônica assumida na modernidade pela filosofia de Hegel.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia Especulativa; Teologia Racional; Neoplatonismo.

THE FEUERBACHIAN CRITIQUE TO THE SPECULATIVE PHILOSOPHY AND HIS TERRIBLY SERIOUS TRUTH IN “PRINCIPLES OF PHILOSOPHY OF THE FUTURE”

ABSTRACT:

Our intent in here is to expose the speculative philosophy limits having the Feuerbachian critical analysis in *Principles of Philosophy of the Future* as reference. In this work, Feuerbach presents us to the speculative philosophy fundamentals so that we can understand it as a true rational theology. Such Feuerbachian statement is based on the latent submission from the speculative philosophers to suggested themes on the theological reflection, themes which appeared in a period that goes from the mosaic philosophy until the primordial Christianity, precisely on the Neoplatonic philosophy. We analyze in this work the German philosopher's

¹ Mestre em Filosofia e doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará – Brasil, com bolsa Funcap. E-mail: marcosmcj@yahoo.com.br.

argument to unmask the inversion done by the speculative philosophy, precisely on the Neoplatonic inheritance assumed in the modern times by the Hegel's philosophy.

KEYWORDS: Speculative Philosophy; Rational Theology; Neoplatonism.

1. Introdução

Feuerbach estudou teologia em Heidelberg e filosofia em Berlim com Hegel, respectivamente em 1824 e 1825, prosseguindo nos estudos em Erlangen, de 1826 a 1828, tornando-se então *privat-dozent* (livre docente). Quando Hegel morreu em 1831, tinha 27 anos e esperava substituí-lo na cátedra. Mas jamais conseguiu esse posto, em Berlim ou outra Universidade, ao que se supõe, pela publicação, em 1830, do texto *Gedanken über Tod und Unsterblichkeit (Pensamento sobre a Morte e a Imortalidade)*, que constitui violento ataque a toda teologia especulativa. Mais tarde, em 1841, publicou a *Das Wesen des Christentums (A Essência do Cristianismo)*, sua mais famosa obra.

Após sua turbulenta e curta vida universitária como *privat-dozent* em Erlangen (1829-1832), obtida após a elaboração de sua dissertação *De Ratione una, universali, infinita* (1828), retirou-se para Brueckberg e depois para a localidade de Rechenberg, nas proximidades de Munique. O próprio Feuerbach explica que seu primeiro pensamento havia sido Deus, o segundo, a razão, e o terceiro, o homem (Cf. FEUERBACH, 1989, p. 14-29). Nesse caminho descobriria que o sujeito da divindade é a razão e o da razão, o homem. A este último é que buscaria ser fiel. Popularizou entre os meios filosóficos alemães a idéia de que o sistema estava concluído com Hegel. O passo a ser empreendido, com o que se encerraria o ciclo idealista da filosofia, seria colocar em primeiro plano o sistema das necessidades, descrito nas *Vorläufige Thesen zur Reformation der Philosophie (Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia)*, de 1842:

Só o ser indigente é o ser necessário. A existência sem necessidades é uma existência supérflua. O que é em geral isento de necessidades também não tem qualquer necessidade da existência. Quer ele seja, ou não, é tudo um – um para si mesmo, um para os outros. Um ser sem indigência é um ser sem fundamento. Só merece existir o que pode sofrer. Só o ser doloroso é um ser divino. Um ser sem afecção é um ser sem ser. Mas um ser sem afecção nada mais é do que um ser sem sensibilidade, sem matéria. (FEUERBACH, 1988, p. 27).

Mas essa proposta passa impreterivelmente pela negação, ou melhor, pela superação da filosofia especulativa hegeliana. Como mencionamos, o jovem Feuerbach foi hegeliano, freqüentando as aulas de Hegel em Berlim, e dedicando-lhe inclusive seu trabalho final de curso. Temos até uma carta que Feuerbach escreve a Hegel (1828), na qual já demonstra sua capacidade crítica, apresentando ao mestre sua concepção antropológica da religião (Cf. DICKEY, 1993, p. 321-328), ainda que quando tenha estado frente a frente com Hegel, não tenha lhe dirigido nada mais que poucas palavras (Cf. WEISCHEDEL, 2006, p. 265). Ainda que fascinado pelo

espírito absoluto, não demora a perceber que tal espírito absoluto não remete ao espírito do homem, mas ao espírito de Deus, marcando assim o início de posições mais críticas ao sistema hegeliano. Tal postura se materializou realmente em 1839, quando Feuerbach publica no *Jahrbücher Hallisches (Anais de Halle)* um longo artigo intitulado *Zur Kritik Hegelschen Philosophie (Para uma Crítica da Filosofia de Hegel)*, que marcou seu distanciamento da filosofia de Hegel, ingressando em seus escritos próprios e dando início a seu projeto de uma *nova filosofia*.

Nosso intento aqui é o de expor bem os limites da filosofia especulativa a partir da análise crítica de Feuerbach, que acaba por identificar a mesma como uma teologia racional. Nessa crítica podemos observar o uso freqüente de Feuerbach da distinção entre sujeito e predicado, no qual o segundo deve ser concebido em relação ao primeiro, como um argumento para desmascarar a inversão realizada pela filosofia especulativa, precisamente na herança neoplatônica de Hegel.

Crítica, assim, o famoso início da *Lógica* hegeliana nos seguintes termos: “Deve o princípio do filosofar, como Hegel o concebe, ser o conceito abstrato do ser? Por que eu não devo começar com o ser mesmo, isto é, com o ser real?” (FEUERBACH, 1970, p. 23-24). A crítica que Feuerbach endereça a Hegel é ter invertido a relação entre sujeito e predicado, isto é, ter atribuído o papel do sujeito – que desde Aristóteles, é a primeira condição, a fundação, de um predicado –, o papel do predicado – que para Aristóteles é sempre o condicionado, que vem em segundo lugar, o derivado (Cf. BERTI, 2004, p. 24-25).

A censura a Hegel por ter invertido a relação entre sujeito e predicado retorna em outra obra de Feuerbach, publicada alguns anos após o seu *Para uma crítica da filosofia de Hegel*, ou seja, nas *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia*, escrito destinado ao *Deutsche Jahrbücher (Anais Alemães)* de A. Ruge.² Aqui Feuerbach escreveu:

O método da crítica reformadora da filosofia especulativa em geral não se distingue do já aplicado na filosofia da religião. Temos apenas de fazer sempre do predicado o sujeito e fazer do sujeito o objeto e princípio – portanto, inverter apenas a filosofia especulativa de maneira a termos a verdade desvelada, a verdade pura e nua. (FEUERBACH, 1988, p. 20)

Nossa proposta, no entanto, centra em outra obra posterior: *Grundsätze der Philosophie der Zukunft (Princípios da Filosofia do Futuro)*, de 1843. Precisamente analisaremos a influência da filosofia neoplatônica sobre a filosofia idealista moderna, que tem como principal representante na modernidade a filosofia de Hegel, que para Feuerbach representa a consumação desta. A consideração desta filosofia iniciada pela escola de Alexandria entre os séculos II e III d.C., com Amônio Sacas,

² A publicação do supracitado *Jahrbücher Hallisches* fora ameaçada pela censura, forçando o jornal a se mudar, em 1840, da Prússia para Dresden, na Saxônia, onde começou a atacar abertamente o governo. Em 1843, o jornal foi confiscado após a publicação dos ataques radicais de Bruno Bauer, forçando os editores a transferi-lo, primeiro para a Suíça, onde mudaram seu nome para o *Jahrbücher Deutsche* e, em seguida para Paris, onde tornou-se o famoso *Jahrbücher Deutsch-Französische (Anais Franco-Alemães)* sob a editoria de Ruge e Marx. (Cf. RAMBALDI, 1975, p. 502-506)

e que tem em Plotino e em Proclo seus principais representantes, para Feuerbach, nos faz rever a comum comparação de Hegel à Aristóteles, na verdade seu sistema está mais próximo daquele proposto por Proclo, o que pode ser apreendido como uma apropriação hegeliana da estrutura filosófica iniciada por esta escola (Cf. CARAMELLA, 1940, p. 222-224). Assim, Feuerbach primeiramente nos dá uma chave de leitura importante para compreensão da filosofia hegeliana, e conseqüentemente demonstra como uma filosofia que tem por alicerce tal postura não pode ter uma compreensão idônea do real, já que acaba por desprezar o elemento material, sensível, corporal, do mesmo. Nosso itinerário será o de compreender em que a filosofia especulativa moderna deve ao neoplatonismo de fonte alexandrina e apresentar os problemas decorrentes do assumir de tal postura, a fim de possibilitar o projeto feuerbachiano de uma *filosofia do futuro*, centrada na antropologia.

2. A filosofia especulativa e sua verdade terrivelmente séria

Nos *Princípios de Filosofia do Futuro*, Feuerbach começa a apresentar os fundamentos da filosofia especulativa. Sua intenção é clara: levar-nos a compreendê-la como uma verdadeira teologia racional. Tal afirmação funda-se na latente submissão dos filósofos especulativos a temas sugeridos na reflexão teológica, surgidos no período que vai desde a filosofia mosaica aos primórdios do cristianismo. Temas como a suprema questão metafísica do “porque há algo e não nada?”, famoso por sua formulação leibniziana, foram tomados em uma perspectiva racional. Para tal questão desenvolveram-se soluções como o emanatismo, o panteísmo, e o criacionismo. O que, para Feuerbach, se liquefaz em uma questão destituída de qualquer sentido, mas que na tradição especulativa surge como questão primordial, para a qual serão erigidos sistemas metafísicos de teor totalizante como possíveis respostas a questão.

A partir disso, a filosofia especulativa elaborou uma compreensão do mundo que solucionasse o problema metafísico do “porque há algo e não nada?”, tomando a realidade como provinda de uma identidade entre ser e pensar, na qual a razão surge como seu princípio fundante, como bem expõe Feuerbach:

O mundo, a matéria, não tem em si o fundamento de porque é que existe e é assim como é; é-lhe de todo indiferente ser ou não ser, ser assim ou de outro modo. Pressupõe, pois, necessariamente como causa um outro ser e, claro está, um ser inteligente, autoconsciente e que age segundo razões e fins. Pois se a este outro ser se negar a inteligência surge de novo a questão pelo seu fundamento. A necessidade do Ser primeiro e supremo funda-se, portanto, no pressuposto de que só o intelecto é o ser supremo e primeiro, o ser necessário e verdadeiro. (FEUERBACH, 1988, p. 40)

Ponto importante na formação da filosofia especulativa, a apropriação do princípio da identidade entre ser e pensar, lançado por Parmênides, propõe o inteligível como fundamento da realidade. Baseando-se nisso, afirma o filósofo especulativo: “É-me impossível pensar um ser que respira sem ar, um ser que vê sem luz, mas posso pensar isoladamente para si o ser pensante.” (FEUERBACH, 1988, p.

41). Justifica assim a consideração do pensar, do inteligível, do puramente racional, como o mais simples e, por isso, como o princípio último da realidade, concluindo: “se penso, existe”. Porém, tal postura tem um preço. A consideração do simples como sendo o originário acaba por destituir o complexo de qualquer pretensão de tal, sendo o sensível um derivado do simples, isto é, do inteligível, ele não pode, por critérios lógicos, compreender-se como autofundante, mas sempre como “fundado”. Dessa forma, impõe-se ao filósofo especulativo uma contradição entre o inteligível e o sensível: entre aquele que representa o princípio fundante da realidade, que a teologia considera ser Deus – e a filosofia especulativa o Absoluto, a Idéia, o Uno –, e a natureza, a matéria, o sensível, o ser fundado por esse princípio. A contradição entre inteligível e sensível, imposta pela teologia racional, é assim exposta por nosso filósofo:

Na teologia ou filosofia especulativas, pelo contrário, Deus é uma contradição com o homem: deve ser a essência do homem – pelo menos, da razão – e no entanto é, na verdade, um ser não humano, um ser supra-humano, ou seja, abstrato. Na teologia ordinária, o Deus supra-humano é somente uma flor de retórica edificante, uma representação, um brinquedo da fantasia; na filosofia especulativa, pelo contrário, *é verdade e coisa terrivelmente séria* [grifo nosso]. A contradição violenta com que a filosofia especulativa deparou deve-se apenas ao fato de ela ter feito do Deus que no teísmo é apenas um ser da fantasia, um ser longínquo, indeterminado e nebuloso, um ser presente e determinado, e ter assim destruído o encantamento ilusório que um ser longínquo possui na bruma azulada da representação. (FEUERBACH, 1988, p. 44)

Assim, busca-se identificar a forma de pensar especulativa e a própria essência de Deus, ou seja, Deus como ser pensante supremo, concebe tudo em si, ao pensar os objetos não faz nada mais que pensar a si mesmo, constituindo uma unidade ininterrupta consigo mesmo. E é aí, nessa unidade do pensante e do pensado que, para Feuerbach, reside o segredo do pensamento especulativo. O reconhecimento de tal estrutura é feito na própria sistematização da filosofia hegeliana, tida por ele como o coroamento da filosofia especulativa, especificamente em sua *Lógica*:

Assim, por exemplo, na lógica hegeliana, os objetos do pensar não são diferentes da essência do pensar. O pensar está aqui numa unidade ininterrupta consigo mesmo. Os seus objetos são apenas determinações do pensar, mergulham puramente no pensamento, nada têm para si que permaneça fora do pensar. (FEUERBACH, 1988, p. 47)

Partindo de tal pressuposto, a filosofia especulativa desconsidera qualquer elemento sensível, pois este sempre será secundário, algo “pensado” pelo Conceito, pela Idéia, pelo Absoluto. Transforma o ato sensível em um ato lógico, uma articulação teórica que representa a produção do objeto material pela idéia (Cf. FEUERBACH, 1988, p. 48). Configura-se aqui aquele ideal da necessidade de um começo autofundamentado da ciência, o projeto de uma *doutrina da ciência*, do qual

a lógica hegeliana pode ser considerada um dos últimos suspiros (Cf. NICOLAU, 2009, p. 113). O problema especulativo da ausência de pressupostos, necessária a pretensão de uma ciência dita verdadeira, é identificado por Feuerbach com o próprio assumir da idéia especulativa de Deus: “A essência da filosofia especulativa nada mais é do que a essência de Deus racionalizada, realizada e atualizada. A filosofia especulativa é a teologia verdadeira, conseqüente, racional” (FEUERBACH, 1988, p. 39). Porém, o assumir dessa idéia só é possível pelo processo de inversão, como demonstrou em sua *A Essência do Cristianismo*: o divino é o universal humano projetado ao céu.³ Este é o grande mal da filosofia especulativa: separar o homem de seu interior, alienando-o de si. Somente por meio desse processo foi possível o assumir de uma filosofia especulativa, na qual o ser é absorvido pelo pensar.

Se, pois, pensas em Deus como num ser sem a pressuposição de qualquer outro ser ou objeto, então pensas em ti mesmo sem a pressuposição de um objeto exterior; a propriedade que transferes para Deus é uma propriedade do teu pensamento. Só que, no homem, é agir o que em Deus é ser ou o que, como tal, é representado. Por conseguinte, que é o Eu de Fichte que diz – “sou simplesmente porque sou” –, que é o pensamento puro e sem pressupostos de Hegel senão o ser divino da antiga teologia e metafísica, transformado em essência atual, ativa e pensante do homem? (FEUERBACH, 1988, p. 51)

Devemos, portanto, inverter a inversão feita pela filosofia especulativa para chegarmos a verdade. Por isso a nova filosofia é a filosofia de Feuerbach, que deve restaurar a inversão de marcha feita pelo pensamento teológico a partir do verdadeiro relacionamento entre sujeito e predicado. Mas, para isso, devemos compreender como se deu essa contramarcha, que tem seus fundamentos históricos na escola neoplatônica, que sob influências do médio-platonismo, do neopitagorismo, da filosofia mosaica de Fílon, o Judeu, e da nascente perspectiva cristã, fundou uma nova metafísica que, segundo Feuerbach, fora assumida e reformulada pela filosofia idealista moderna em sua matriz hegeliana.

3. O berço da filosofia especulativa: o Neoplatonismo

Como mencionamos, a filosofia especulativa, tida por Feuerbach como uma verdadeira teologia racional, propôs uma identificação entre ser e pensar, porém essa identidade somente se dá por uma sobreposição, a saber, o pensar ultrapassa seus limites naturais, sobrepondo seu outro, o ser – que para Feuerbach remete ao domínio da objetividade, da materialidade, da sensibilidade, não podendo ser tomado de outra forma. Ao ultrapassar esse limite, reivindica para seu domínio o que pertence ao

³ Afirma Feuerbach: “A nossa tarefa é justamente mostrar que a oposição do divino e do humano é inteiramente ilusória e, por conseqüência, que também o objeto e conteúdo da religião cristã são inteiramente humanos. [...] *A essência divina nada é senão a essência senão a essência humana, ou melhor, a essência do homem purificada, liberta das limitações do homem individual*, objetivada, isto é, *intuída e adorada* como uma *essência própria, diferente, distinta dele* – todas as *determinações* da essência divina são; por isso, *determinações humanas.*” (FEUERBACH, 2002, p. 48-49)

domínio do ser. A denúncia de Feuerbach desmascara o projeto idealista de uma identificação entre ser e pensar, configurado no processo de indeterminação dos limites destes dois domínios, passando a falsa impressão de uma interdependência entre ambos. Na verdade, o que ocorre é a aberração de um ser abstrato e de um pensar concreto sintetizados em uma suposta identidade.

A falta de clareza sobre estas competências permite ao filósofo especulativo operar a realidade *como se* as idéias ou pensamentos fossem os doadores de seu estatuto ontológico, *como se* fosse possível fundar a realidade a partir de abstrações tais como o Uno, o Absoluto, a Idéia, Deus etc. Cabe a nova filosofia desmascarar tal intento, determinando bem as competências de cada campo, por isso afirma Feuerbach:

Ao ser, porém, compete a singularidade, a individualidade; ao pensar, a universalidade. Por conseguinte, o pensar reivindica para si a singularidade – transforma a negação da universalidade, a forma essencial da sensibilidade, a singularidade, num momento de pensar. É assim que o pensar “abstrato”, ou o conceito “abstrato” que deixa fora de si o ser, se torna conceito “concreto”. (FEUERBACH, 1988, p. 73)

Porém, como fora possível tamanho desatino? A questão posta por Feuerbach toma como principal culpada a Teologia. Pois, enquanto as religiões naturais ainda guardam em si certo respeito pela natureza, pois – ainda que não deixem de ser compreendidas pelo filósofo como meras representações humanas de sua existência e do forte teor mítico e inconsciente que as envolve – não podem ser tomadas como totalmente inválidas. Será o teólogo que, ao tomar a experiência religiosa de ligação ao transcendente (religião – *religare* = re-ligar) sob um estatuto ontológico, acabará por racionalizar tal representação, ou seja, erigir um discurso teológico-racional da realidade, no qual Deus é o fundamento de toda realidade, pois é o ser que compreende em si existência e essência, logo, é o ser que é *causa sui*, ser primeiro e doador de existência, como podemos ver na passagem:

Em Deus, o ser encontra-se imediatamente vinculado com a essência ou o conceito; a singularidade, a forma de existência com a universalidade. O “conceito concreto” é Deus transformado em conceito. (FEUERBACH, 1988, p. 73)

Para Feuerbach essa passagem do abstrato ao concreto tem datação histórica. A passagem da filosofia para a teologia se deu justamente na passagem da filosofia pagã ao neoplatonismo. Note que a filosofia pagã deixava subsistir algo fora do pensar. Por mais que os filósofos pagãos atribuíssem à Idéia um estatuto fundante, ela não era tomada como “tudo o que contém”. A relação Uno-Díade, que tem origens no pitagorismo, que fora assumida por Platão e analisada por Aristóteles no livro I da *Metafísica*, comprova isso. A Díade, ou seja, o múltiplo, é forjador da matéria, verdadeiro substrato da realidade sensível, e estava *fora* do Uno, da razão, do pensar, da idéia, pois impunha-se como limite do mesmo. Observa-se, então, que a crítica ao neoplatonismo contrasta com a valorização da filosofia pagã. Enquanto o

pensamento anterior preserva-se, essencialmente, como filosofia, a denominada filosofia neoplatônica encontra-se já, segundo Feuerbach, contagiada pelos efeitos nocivos da teologia. Na filosofia pagã ainda temos muito bem delineados os campos, ou esferas, do ser e do pensar.

A antiga filosofia tinha como seu princípio a razão, a “idéia”; mas “a idéia não foi posta por Platão e Aristóteles como o que tudo contém”. A antiga filosofia deixava subsistir algo fora do pensar – um resíduo por assim dizer supérfluo, que não entrava no pensar. A imagem deste ser fora do pensar é a matéria – o substrato da realidade. A razão tinha na matéria a sua fronteira. A antiga filosofia vivia ainda na distinção do pensar e do ser; não considerava ainda o pensar, o espírito, a idéia, como o que tudo engloba, isto é, a realidade única, exclusiva e absoluta. (FEUERBACH, 1988, p. 74)

Assim, os antigos filósofos não se configuravam como teólogos, pois ainda estavam impregnados com o mundo, eram sábios mundanos, já antropólogos – embora antropólogos limitados e defeituosos –, pois na visão de Feuerbach consideravam o estatuto ontológico da matéria. Na mesma perspectiva, podemos tomar os estóicos, epicuristas e céticos, pois assumiam características como a impassibilidade, a beatitude, a ausência de necessidades, a liberdade e a autonomia como virtudes *do* homem, assim, “na base, encontrava-se ainda o homem concreto e real como verdade; a liberdade e a beatitude deviam sobrevir a este sujeito como predicados.” (FEUERBACH, 1988, p. 76). Há ainda a consideração da realidade sensível no centro da reflexão, subordinando tais abstrações à sensibilidade, o que não ocorrerá nos neoplatônicos. Tal diferença descrita entre os filósofos pagãos antigos e os neoplatônicos marca a passagem de uma reflexão que ainda considera a sensibilidade, a materialidade, algo objetivo e necessário a vida humana, objeto principal da filosofia, para uma reflexão marcada pela refutação total de tal esfera, subordinando-a à esfera do inteligível. Mas sob que pressupostos os neoplatônicos erigiram seu pensamento, ou melhor, o que os legitima a pensar assim? Para compreendermos em quê o neoplatonismo se baseou para fundar uma reflexão metafísica, completamente nova em relação aos sistemas que a precederam, temos que apresentar os pressupostos teóricos nos quais se encontravam seus iniciadores.

O neoplatonismo deve sua estrutura basicamente a três pensamentos: a filosofia mosaica de Filo, o neopitagorismo, que tem por referência Numênio de Apaméia, e o pensamento sintetizador de Amônio Sacas, mestre de Plotino, que juntamente com Proclo, surgem como os principais representantes da escola neoplatônica. Para Feuerbach, a postura por eles assumida foi danosa a fronteira existente entre ser e pensar. Ainda que ambos se considerem nada mais que intérpretes do pensamento de Platão, acabaram forjando uma nova metafísica, que foi além da proposta platônica. Influenciados pela idéia de *imaterial*, os neoplatônicos destituem a matéria de qualquer realidade objetiva, subordinando-a à razão. Para tais filósofos, o sensível/matéria/corpo por si só não constitui qualquer instância. Nas palavras de Feuerbach:

A pátria, a família, os laços e os bens do mundo em geral, que a antiga filosofia peripatética ainda incluía nos elementos da felicidade humana – tudo isso já nada conta para o sábio neoplatônico. Considera até melhor a morte do que a vida corporal; não inclui o corpo na sua essência; desloca a felicidade apenas para a alma, separando-se de todas as coisas corporais, em suma, de todas as coisas exteriores. (FEUERBACH, 1988, p. 74)

Mas a fonte de tais idéias está na filosofia de Filo de Alexandria. Será no pensamento filoniano que teremos a superação dos pressupostos materialistas e imanentistas dos sistemas helênicos mencionados acima, em prol da afirmação do incorpóreo e do transcendente. Será no incorpóreo que Filo indicará a verdadeira causa do corpóreo, será aqui que ao corpóreo será negada toda autonomia ontológica, toda capacidade de dar razão de si mesmo. E para Filo, cujas bases de pensamento derivam de uma intrínseca relação do que Reale (1997, p. 251-256) denominará uma componente hebraica e uma componente grega, nada mais poderia ser esse ser incorpóreo que Deus, que produz, sustenta e mantém o corpóreo. Dessa fonte toda uma tradição descenderá a partir do assumir de uma série de conceitos que tem por base a descoberta do incorpóreo/imaterial. É nela que os expoentes da escola de Alexandria, representada por Amônio, se nutrem. O neopitagórico Numênio, leu e admirou Filo, assimilando suas doutrinas, o que evidenciaria ainda mais a influência que a idéia de imaterial possui para a filosofia de Plotino, pois Numênio foi um dos filósofos que mais exerceu influência sobre o pensamento do discípulo de Amônio.

Podemos dizer que o neoplatonismo procura atender ao anseio religioso que surgiu durante o helenismo dos séculos II e III d.C.. A proposta da filosofia neoplatônica de colocar o indivíduo em um contexto cosmológico de maior abrangência, retrata o mal como uma privação, como *não-ser* – postura na qual o corpo acaba por ser identificado como não-ser. O objetivo é libertar a alma de seu estado mortal (o corpo), para que a alma individual possa experienciar uma abrangente união com a alma do mundo. Na verdade, Plotino desenvolve uma interpretação do platonismo que se desvia da visão dualista da teoria das idéias, e concebe que, em vez do universo como um jogo hierárquico de luz e escuridão, o núcleo do universo, é o ser indizível do Uno, ao qual nós, através de nossa razão, podemos se aproximar, mas não descrever: é este inefável o fundamento último da realidade. Ele “irradia” Ser a tudo o que é, para usar a metáfora famosa: como uma fonte de luz que ilumina o ambiente de modo que os raios de luz diminuem à medida que há o afastamento dessa fonte de luz, até que se extinguem na escuridão. Esta doutrina da irradiação, ou emanção, ou processão, implica que o ser Espiritual é o verdadeiro fundamento, potência e centro de poder que sustenta todas as coisas, enquanto a matéria é concebida simplesmente como não-ser. Portanto, há uma hierarquia a partir do imaterial, do fundamento inexprimível (o Uno), até o cada vez mais material e perecível fenômeno. Através da sua natureza espiritual, o ser humano pode buscar uma aproximação com o Uno. Mas como o homem é também corpo, participa do não-ser da matéria, o que gera, portanto, uma tensão entre a alma e o corpo. O objetivo é a união da alma com as forças da luz provenientes do Uno. Esta união não pode ser expressa. Por isso, é uma união inefável, *unio mystica*.

Com esta postura, segundo Feuerbach, os neoplatônicos acabam por divorciar as leis do pensamento das leis da realidade, o que configura a tão descabida invasão do domínio do ser pelo pensar. A substituição da realidade por representações e pensamentos encarceraria os adeptos dessa escola filosófica à cegueira da sua própria interioridade. É dentro desse contexto, então, que a tentativa feuerbachiana de resgate do homem em sua totalidade vai na contramão do neoplatonismo, uma vez que nessa escola, para Feuerbach, “o homem real tornou-se, também, um simples abstrato sem carne e sem sangue, uma figura alegórica do ser divino” (FEUERBACH, 1988, p. 76-77). O que já fora exposto pelo filósofo poucas linhas atrás:

Assim como ao desencarnar-se o homem nega o corpo, o limite racional da subjetividade, para se sujeitar a uma práxis fantástica e transcendente, para lidar com aparições corporais de Deus e dos espíritos, portanto suprimir praticamente a distinção entre imaginação e intuição, assim também se desvanece teoricamente a distinção entre pensamento e ser, subjetivo e objetivo, sensível e não-sensível, quando a matéria deixa de ser para ele uma realidade e, portanto, uma fronteira da razão pensante, quando a razão, o ser intelectual, a essência da subjetividade em geral nesta sua ilimitabilidade constitui para ele o ser único e absoluto. (FEUERBACH, 1988, p. 75)

O resultado de tal postura é a constituição de um mundo imaginário, que passa a ocupar o estatuto da realidade concreta. Tudo é subordinado ao imaterial, ao inteligível. Até mesmo a matéria, que agora só *é* porque *está* na Idéia, ou seja, sua realidade depende de uma *idéia de matéria*, uma idealidade (essência) que doa existência à matéria sensível, que depende por sua vez dessa “doação” por seu caráter de finitude e imperfeição.

Não havendo mais uma exterioridade que se contraponha ao pensar, acaba por ocorrer a danosa passagem descrita por Feuerbach: sem tomar conhecimento da fronteira ou limite entre si e o ser, o pensar absorve o ser real, apropriando-se dele, anexando a si a esfera do ser, do real, do concreto. Isso só foi possível pelo “afrouxamento” ou “indeterminação” desse limite. A falta de nitidez dessa fronteira fez com que a aceitação dessa passagem do ser ao pensar fosse tomada sem maiores questionamentos, transformando essa verdadeira “invasão de domínio” como algo comum, e, por assim, dizer, necessária. Como se a identidade entre ser e pensar fosse um princípio pré-existente, ratificado pelos teólogos como se sempre tivesse sido assim.

Agora o ser se identifica com a idéia de um ser inteligível, intrinsecamente vinculado ao conceito *Deus*:

Só na essência se satisfaz o homem. Substitui, pois, a carência do ser real por um ser ideal, isto é, subpõe agora a essência da realidade abandonada ou perdida às suas representações e pensamentos – a representação já não é para ele nenhuma representação, mas o próprio objeto; a imagem já não é uma imagem, mas a própria coisa; o pensamento, a idéia, é a própria realidade. (FEUERBACH, 1988, p. 74)

A representação do objeto identifica-se com o próprio objeto, o pensar identifica-se com o ser, formando a partir de si a própria realidade. As representações do homem tornam-se a própria realidade, suas idéias agora são objetos reais, seres, espíritos, deuses! Nelas está a realidade, a concretude das coisas. A fórmula neoplatônica é de quanto mais abstrato, mais real ou concreto; pois o que se busca é o mais inteligível, o mais racional, que deve ser o mais simples, o ser puramente pensado, ou seja, Deus/Uno (Cf. FEUERBACH, 1988, p. 75)

Mas se só o real é verdadeiro, então, “o que é real?”. Pergunta-se Feuerbach: “O simplesmente pensado? O que é apenas objeto do pensar, do entendimento?” (FEUERBACH, 1988, p. 78) Ora, não são apenas idéias os objetos com quem interajo agora, nem as pessoas com quem convivo. Por mais simplórias que sejam tais constatações, já me dão a inviabilidade do total desconsideração do sensível em minha compreensão do real. Assim a filosofia do futuro de Feuerbach partirá destas simples constatações para propor-se a uma consideração dos “seres não só como pensantes, mas também [como] realmente existentes” (FEUERBACH, 1988, p. 80). É com esta proposta que concluiremos nossas reflexões.

4. A inversão da inversão: a *Filosofia do Futuro*

Em sua crítica da filosofia da religião, Feuerbach argumentara que é o homem a verdade para todos os predicados de Deus, ele é a realidade de Deus: poder, sabedoria, bondade, amor, infinito e personalidade são predicados suportados apenas no homem e com o homem. Deus é a manifestação da interioridade do homem, é o seu eu alienado. Deus foi criado pelo homem à sua imagem. Ele é uma entidade fantasmagórica existente fora do homem forjada por ele mesmo. Dessa forma, o princípio, centro e fim da teologia especulativa é o próprio homem. Para Feuerbach a reflexão teológica-especulativa é o homem relacionando-se com a sua essência, porém, de maneira alienada. A filosofia moderna, em sua rigorosa abstração, desnudou o homem, destituiu sua sensualidade, e impôs aspectos concebidos à imagem de Deus, culminando com a mais severa lógica: apenas os atributos metafísicos permanecem, e esses atributos são remodelados como atributos de um ser abstrato.

Como vimos, a proposta feuerbachiana é a de negar esse ideal especulativo, dando lugar a uma *nova filosofia*:

A nova filosofia, segundo o seu ponto de partida histórico, tem a mesma tarefa e posição perante a filosofia anterior, que esta teve em relação à teologia. A nova filosofia é a realização da filosofia hegeliana, da filosofia anterior em geral – mas uma realização que é ao mesmo tempo a sua negação e, claro está, uma negação livre de contradição. (FEUERBACH, 1988, p. 61-62)

Assim, ao caracterizar a filosofia como o processo de auto-compreensão humana, acaba por impor um processo de desmistificação da mesma. Cabe a filosofia

reconhecer-se enquanto *antropologia*, o que configura-se como um processo de inversão da inversão, e, assim como fora a passagem da filosofia pagã para a filosofia neoplatônica o marco histórico dessa inversão, esse será o passo que marcará a passagem à *nova filosofia* ou *filosofia do futuro*. Para Feuerbach, religião e filosofia são estágios de um único processo, no qual os seres humanos vêm a entender sua própria natureza. O processo no qual a natureza foi projetada e objetivada como algo diferente do homem – em religião, como Deus –, gerando a alienação do homem, é o erro que se deve corrigir. Cabe agora compreender: a antropologia é a base da filosofia e da religião. Proposta que fora mais tarde explicitada pelo próprio Feuerbach no título de um texto de 1862: *Das Geheimnis des Opfers oder der Mensch ist was er isst (O Mistério do Sacrifício ou o Homem é Aquilo que come)*.⁴ Feuerbach vê sua tarefa nessa inversão da inversão, no trazer o ser humano de volta a seu lugar de direito, melhor, no trazer a sensibilidade, a matéria, o corpo, enfim o ser em sua objetividade real a seu lugar. A filosofia do futuro é o conhecimento direto do que significa o ser humano, uma reinterpretação das doutrinas da teologia e filosofia como sendo verdades sobre a natureza humana. Assim, podemos afirmar que a filosofia do futuro está condensada no §34 da obra aqui analisada, o qual citamos:

A nova filosofia funda-se na verdade do amor, na verdade do sentimento. É no amor, no sentimento em geral, que cada homem reconhece a verdade da nova filosofia. A nova filosofia, relativamente à sua base, nada mais é do que a essência do sentimento elevada à consciência – afirma apenas na e com a razão o que cada homem – o homem real – reconhece no coração. Ela é o coração elevado ao entendimento. O coração não quer objetos e seres abstratos, metafísicos ou teológicos – quer objetos e seres reais e sensíveis. (FEUERBACH, 1988, p. 81)

Feuerbach rejeita a proposição de elevar a razão acima dos sentidos, como sendo o caminho para a verdade, ele rejeita esse ponto de vista salientando que apenas o que é percebido pelos sentidos é real. A natureza é sempre da esfera do particular e não pode ser capturada por conceitos universais, pois estes fornecem apenas uma imagem ilusória. Em contraste com a tradição moderna, que começa a partir da tese de que a homem é meramente um ser pensante, cujo corpo não pertence à sua essência, a filosofia do futuro é baseada no axioma de que o corpo é a essência humana.

A filosofia não deve ser uma dedução a partir de uma idéia, um monólogo da especulação consigo mesma, mas um diálogo da especulação com a empiria. Feuerbach passa a apontar que é somente no diálogo com os outros que o individual pode compreender a verdade: o outro confirma, corrige ou modifica o que o isolado indivíduo percebe. Idéias não surgem tão somente do indivíduo em uma relação de si

⁴ Este ensaio foi publicado na primeira edição das obras reunidas de Feuerbach, em 1866, mas não se tornou uma de suas obras mais famosas e célebres. Sobre a obra conferir a introdução de Levitt à tradução inglesa da mesma, disponível em <http://socserv2.mcmaster.ca/~econ/ugcm/3ll3/feuerbach/sacrifice.pdf>.

a si, ou seja, da pura subjetividade, como sustenta o idealismo, mas da comunicação entre os membros de uma da comunidade, surge do diálogo do eu e tu.

Ao deixar sua marca em escritores que desempenharam um papel decisivo na definição das linhas do pensamento contemporâneo, levando alguns a considerá-lo hoje um desconhecido profeta do século XX, ratificam-se os ensinamentos de Feuerbach.⁵ Dentre aqueles que sentiram tal impacto incluem-se Søren A. Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre, que em suas obras trouxeram as marcas de quem atravessou o *Feuer-Bach* (“Rio de Fogo”).

⁵ Heller demonstrará a influência de nosso filósofo citando o jovem Marx: “E não há para vós outro caminho para a *verdade* e a *liberdade* senão o que discorre *através do Feuer-Bach*. Feuerbach é o purgatório do presente.” O que ela assim complementa: “para todos os pensadores fundamentais do século XIX Feuerbach foi, a partir dos anos quarenta, efetivamente o purgatório”. (HELLER, 1984, p. 97).

Referências bibliográficas

- FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da filosofia do futuro: e outros escritos*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.
- _____. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas: Papyrus, 1989.
- _____. *A essência do cristianismo*. Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- _____. *The Mystery of Sacrifice or Man is What He Eats*. Tradução de Cyril Levitt. Disponível em: <http://socserv2.mcmaster.ca/~econ/ugcm/3ll3/feuerbach/sacrifice.pdf>. Acessado em 01 de Maio de 2010.
- _____. *Zur Kritik der Hegelschen Philosophie*, GW 9, Berlin, 1970 apud CHAGAS, Eduardo Ferreira. A Questão do começo na filosofia de Hegel - Feuerbach: Crítica ao começo da filosofia de Hegel na Ciência da Lógica e na Fenomenologia do Espírito. In: *Revista Eletrônica de Estudos Hegelianos*, Recife/PE, v. 2, n. 01, 2005. Disponível em: <<http://www.hegelbrasil.org/rev01e.htm>>. Acesso em: 18 de Agosto de 2005.
- WEISCHEDL, Wilhelm. A escada dos fundos da filosofia. 5ª ed. Tradução de Edson Dognaldo Gil. São Paulo: Angra, 2006.
- DICKEY, Laurence. *Hegel on religion and philosophy*. In: BEISER, Frederick C. (Ed.). *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 301 – 347.
- BERTI, Enrico. *Aristote dans les premières critiques adressées à Hegel par Feuerbach, Marx et Kierkegaard*. In: THOUARD, Denis. (Ed.). *Aristote au XIXe Siècle*. Villeneuve d'Ascq: Presses du Septentrion, 2004, p. 23 – 35.
- CARAMELA, Santino. *La Filosofia di Plotino e il Neoplatonismo*. Catania: Gruppo dei Fascisti Universitari, 1940.
- RAMBALDI, Enrico. *Il rovesciamento dell'hegelismo*. In: GEYMONAT, Ludovico. (Org.). *Storia del pensiero filosofico e scientifico – Vol. IV: L'Ottocento*. Milão: Aldo Garzanti Editori, 1975. p. 479 – 506.
- NICOLAU, Marcos Fábio A. *O Projeto de uma Doutrina da Ciência no Idealismo Alemão*. In: AMORA, K. C.; COSTESKI, E.; BRILHANTE, A. A. *Extratos Filosóficos - 10 anos do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da UFC*. 1 ed. Fortaleza: Edições UFC, 2009, v.7, p. 111-124.
- REALE, Giovanni. *Storia della filosofia antica – Vol. IV: Le scuole dell'età imperiale*. 9ª ed. Milão: Vita e pensiero, 1997.
- HELLER, Agnes. *Ludwig Feuerbach redivivo*. In: _____. *Crítica de la Ilustración: las antinomias morales de la razón*. Tradução de Gustau Muñoz e José Ignacio López Soria. Barcelona: Ediciones Península, 1984, p. 97 – 133.